

AS MULHERES E AS GUERRAS DE INDEPENDÊNCIA NA AMÉRICA LATINA DO SÉCULO XIX: INVISÍVEIS OU INEXISTENTES?

Amanda Maria Lima Rodrigues

RESUMO

A proposta deste artigo é analisar como se deu a participação das mulheres – independentemente de classe social ou da maneira como apoiaram e/ou lutaram – nas revoluções latino-americanas que pretendiam a libertação do domínio espanhol e a mudança do *status* de colônia para o de nação. Revoluções essas influenciadas por uma ideologia iluminista, que ao ser colocada em prática era deturpada de modo a fazer com que houvesse apenas uma mudança na classe dirigente, restando as social permanências próprias do regime anterior.

Palavras-chave: Mulheres no século XIX - Guerras de independência na América Latina - feminismo.

INTRODUÇÃO

Ao se falar de mudanças ou eventos nas sociedades observados pela abordagem da História Política tradicional, percebe-se rapidamente ser essa uma História escrita no gênero masculino, pelos grandes heróis, e no âmbito da oficialidade, não havendo aí espaço para o homem ou a mulher “comum”, que parece ser um mero espectador dos acontecimentos, ou que não tem nenhum tipo de influência ou interesse pelo que acontece nos “altos escalões”.

Ocorreu uma mudança significativa quando do surgimento de novas abordagens historiográficas como a da Nova História¹, propondo um aumento na abrangência das fontes utilizadas na pesquisa, e assim a História pôde incutir-se por outros assuntos que não os oficiais. É nesse ponto que as pessoas comuns passaram a ser fonte e objeto de pesquisa, inclusive as ditas minorias. Então com o advento da História Social, esses personagens na maioria anônimos, passam a ser vistos como importantes elos para que se possa compreender melhor alguns eventos e épocas.

A mulher como sujeito histórico só aparecia na exceção e, portanto, entrava no “*hall*” do curioso, e dependendo do assunto e do autor, até do anormal; sendo assim, “*Algunas determinadas mujeres han escapado de la anonimidad histórica debido a sus grandes atributos personales o a hechos que contradecían los estereotipos aceptables por la sociedad en que vivían o por la nuestra.*”²

Ainda assim, apesar dessa renovação na escrita da história de mais de duas décadas, existe uma relativa dificuldade de se encontrar fontes bibliográficas que abordem a mulher americana do século XIX, no período das guerras de independência das colônias da América espanhola, portuguesa e inglesa. Em se tratando de fontes em português então, essa dificuldade cresce bastante, já que a maior parte das publicações trata de uma já grande quantidade de textos em inglês, e em menor grau em espanhol, porém sem tradução para o português.

Sara Beatriz Guardia, utilizando-se de uma máxima de Platão³, questiona se quando a alguém é negado um espaço na história isso significa que esse alguém não existe⁴. Sendo que a dificuldade em encontrar fontes não indica de modo algum que tais mulheres não existiram. Diante de tamanha agitação política e ideológica, como haveriam as mulheres de conseguir manterem-se imunes à tal ambiente? Ainda que pensemos apenas pelo âmbito do privado, seus homens sejam eles pais, filhos e/ou irmãos, lutavam nessas guerras. Quais eram então as experiências femininas nesse período tão turbulento? Tradicionalmente seu papel ideal era de mãe e esposa⁵, inseridas em uma época e cultura que não lhes dava ferramentas para se destacarem, pois o espaço público era tradicionalmente do masculino.

Ao se estudar história do Brasil, em raríssimos momentos vemos mulheres aparecerem nos livros didáticos, especialmente em períodos de guerra, como a cearense Jovita Feitosa⁶ na Guerra do Paraguai, ou a baiana Maria Quitéria⁷ no contexto da defesa da proclamação de independência. A partir dessa tão rara “aparição” feminina na história da colônia portuguesa, pensa-se como teria sido a situação das mulheres na região sob domínio espanhol. E, já que as lutas por independência na América Latina duraram em torno de quinze anos, trazendo grandes incertezas e reviravoltas, como elas teriam sido afetadas?

Mas quem são essas mulheres afinal? A que classe, etnia e região pertenciam? De que modos estão inseridas neste contexto? De que formas e por que lutaram? São algumas das perguntas às quais procuraremos aludir neste artigo, não discriminando as ações por ano e lugar, a não ser quando necessário, tendo como recorte temporal 1781 – 1820, e como palco desses acontecimentos os atuais Bolívia, Colômbia, Peru, Venezuela e Chile.

O FEMININO E AS LUTAS EMANCIPACIONISTAS

Por ser um ramo relativamente novo e cheio de possibilidades, continuam-se descobrindo mais e mais metodologias a serem seguidas na pesquisa com fontes. Há que haver então certa sensibilidade para que se possa “encontrar” essa mulher latino-americana, pois,

Tratándose de la historia de las mujeres, es necesario estirar al máximo los límites de nuestras investigaciones y preocuparnos por sus actudes, sus motivaciones y sus actos, como individuos y como miembros de la familia y de otras instituciones sociales. El objetivo de una investigación sobre el papel que desempeñan, sobre la condición, los pensamientos y las acciones de las mujeres, ya no debería ser el de encontrar seres sobrehumanos, sino más bien el de examinar individuos normales dedicados a sus actividades diarias y que fueran representativos de sus épocas y de sus sociedades.⁸

Segundo Evelyn Cherpak, mulheres tinham participação ativa durante o período de guerras. Atuavam das mais variadas formas possíveis, em primeiro lugar, mais perto do campo de batalha, apareciam lutando no combate corpo a corpo ou atuando como espiãs. Em segundo, poderiam ceder espaços para reuniões ou atuarem como enfermeiras, prestando nesses casos serviços mais parecidos com os que desempenhavam regularmente. Em terceiro, faziam donativos em dinheiro ou com suprimentos para as tropas⁹. E por último, sofriam ainda com a perda de entes queridos, o exílio e o confisco de seus bens.¹⁰

E isso se dava com todos que eram atingidos pelos acontecimentos da época, havendo mulheres contra ou a favor da metrópole, a depender do momento e dos interesses que tinham para defender. Afinal, não é a intenção da dita História das Mulheres fazer uma defesa absoluta e ingênua de desses indivíduos que são seres humanos e, portanto serão passíveis de análise e investigação tanto quanto os homens.

Várias mulheres ficaram famosas por lutarem como soldados contra os exércitos realistas, algumas comandando até pequenas tropas formadas juntamente com outras mulheres, inclusive ganhando medalhas em certos casos por sua bravura.

Rosa Campusano tuvo que huir por haber cantado el Himno Nacional. Melchora Balandra sufrió castigos y persecución por ser madre del mártir José Olaya. Otras mujeres como Catalina Fernandes, Narcisca Iturregui, Catalina Agueri, participaron en la gesta libertadora en tareas difíciles y de particular cuidado. En reconocimiento a esta abnegada labor, el 11 de enero de 1822, el General San Martín autorizó el uso de la Banda de Honor Blanca y Roja como galardón. Las mujeres mencionadas fueron las primeras en recibir el título honorífico de Caballeras de la Orden del Sol.”(Guardia, 1995:98).¹¹

Dentre essas muitas mulheres, Manuela Sáenz (que também recebeu de San Martín o título de Caballera de la Orden del Sol, totalizando 112 mulheres que receberam tal condecoração) foi uma das mais famosas, pois além de sua conduta não usual de interessar-se por política e lutar na guerra, ao conhecer Simon Bolívar tornou-se sua companheira durante oito anos, até quando ele faleceu. Pouco tempo depois da morte de Bolívar foi exilada, morrendo na pobreza.

Por sinal, a posição social ainda era fator de diferença na hora dos castigos impostos às insurgentes, castigos mais humilhantes ou cruéis eram impostos às mestiças e pobres, quando comparados aos castigos impostos às *criollas* da alta-sociedade¹². Castigos esses que iam desde imposições de comparecer à missa (acreditavam que a adesão à causa republicana era sinal de falta de um sentimento religioso), varrer a rua, cuidar de soldados espanhóis feridos, até enforcamento, fuzilamento e toda sorte de castigos físicos.

É bom que se ressalte que apenas em Afonso Valencia Llano encontramos uma menção feita acerca de mulheres que tenham lutado a favor do exército espanhol. E, interessantemente, se tratavam de algumas mulheres que faziam parte de um exército com um ar mais profissional, no qual lutavam vestidas como o resto de seus companheiros realistas.¹³ O provável motivo da dificuldade de se encontrar registros sobre a existência dessas mulheres é o fato de que elas lutaram do lado que foi derrotado, já que a história oficial costuma ser vista pelo ponto de vista do vencedor.

Mas não nos enganemos ao pensar que as mulheres se colocarem à luta era algo prontamente aceitável, pois muitas delas lutaram disfarçadas de homens, ou pelo menos até serem descobertas. Evelyn Cherpak até cita uma carta escrita em 1811, por mulheres da sociedade de Barinas, na Venezuela, ao governador requerendo que ele lhes autorize a defender sua região, mencionando entender que ele possa querer lhes poupar da fadiga da guerra¹⁴. No final das contas apesar de sua participação, o cavalheirismo ou a mentalidade reinante que seja, fazia com que os homens defendessem sempre que podiam o lugar feminino na sociedade patriarcal como o de mãe e esposa. Inclusive nas biografias posteriormente escritas sobre algumas das mulheres que ficaram famosas, seus biógrafos procuraram colocá-las como exemplos para esposas e mães¹⁵, apesar do fato delas terem, de certa maneira, ido contra o comportamento considerado próprio de seu sexo.

Por várias vezes também se prestavam ao serviço de espãs, no qual se saíam muito bem, pois conseguiam acesso a certas casas ao se colocarem como serviçais, passando despercebidas aos olhos de insurrectos ou realistas. Luis Vitale dá o exemplo de *“Policarpa, [que] actuó como enlace de los revolucionarios en el período de la Reconquista española. Era una costurera de Bogotá, oriunda del Valle del Cauca; trasladaba los mensajes anticoloniales camuflados en naranjas¹⁶.”* As atividades de espionagem de Policarpa Salavarrieta foram tão bem sucedidas que passou a ser procurada como um dos principais agentes republicanos. Morreu fuzilada.

Muitos saraus foram organizados com intenções de espalhar os ideais republicanos, e nos quais os conspiradores pela independência aproveitavam para se reunir, discutir seus planos e agregar apoiadores, tudo envolvido numa aura insuspeita de reuniões sociais. Também tiveram papel importante aquelas que cuidaram e deram abrigo a soldados feridos, fazendo às vezes de enfermeiras, trabalho esse que, com certeza, salvou a vida de muitos soldados.

Algo importante a ser ressaltado é que essas mulheres atuavam independentemente de cor e posição social. E, mesmo só pela gama de serviços que prestavam, podem fornecer indícios de que não eram uma massa homogênea. Havendo entre elas desde ex-escravas como Marie-Jeanne (libertada graças a um decreto de Toussaint)¹⁷, costureiras como Policarpa, à *criollas* da alta sociedade. Mestiças, negras e indígenas,

camponesas, e senhoras brancas da sociedade, lutando por um fim comum, cada uma dentro de suas possibilidades e intenções.

Portanto, de modo algum podemos considerá-las como inexistentes, já que de tão variadas formas participaram. Mas também, como nos lembra Asuncion Lavrin, a grande maioria das mulheres que tiveram seu nome conhecido foram as que lutaram como soldados, sendo assim, é como se o fato de atuarem em um papel masculino já as colocasse em uma posição privilegiada, por ser o masculino considerado como superior.

AS REPÚBLICAS RECÉM – CONSTITUÍDAS E AS REPRESENTAÇÕES SOBRE AS MULHERES

Após a independência, no entanto, a grande maioria das mudanças que haviam ocorrido nos hábitos da sociedade por conta do estado de guerra, terminou por serem desfeitas. Mulheres que tomavam conta dos negócios da família devolvem esse encargo a seus parentes que retornavam da guerra, passando assim pela experiência administrativa que as lança no espaço público temporariamente¹⁸.

Como resultado do movimento separatista, tivemos independência na política, mas não na economia, que continuou com seu caráter voltado para a produção agro-exportadora, e no social não houve mudanças significativas com relação à sociedade herdada do sistema anterior, diferentemente de algumas revoluções democrático-burguesas como a Revolução Francesa.

É interessante pensar o papel das idéias dos filósofos ilustrados na construção dessa sociedade pós-colonial, já que as guerras de independência na América haviam sido bastante influenciadas pela Revolução Francesa e pela independência dos Estados Unidos. A luta que na Europa se dava contra as monarquias absolutistas, em suas colônias se transformou em luta contra a metrópole colonizadora. De modo geral esse movimento defendia a independência intelectual, a autonomia diante dos consagrados modos de ver o mundo, surgindo como uma crítica à sociedade daquele momento. Ao pregar uma racionalização do mundo, ao mesmo tempo iam contra um dos pilares da sociedade, a Igreja, pois essa atitude implicava numa secularização dessa mesma sociedade.

É nesse ponto que as mulheres mais se beneficiaram com o pensamento ilustrado, pois as repúblicas americanas formadas nesse período procuraram estabelecer estados laicos na medida do possível, ou pelo menos tentaram diminuir a influência da Igreja. E, sendo a educação um dos pilares dessa ideologia, passará também a ser uma grande preocupação dessas repúblicas, que procuraram incluir mesmo as mulheres em um sistema educativo que se em um primeiro momento procurava ser laico, acabou por se associar à Igreja, para promover esse esforço educativo, como menciona Luis Vitale, em um exemplo chileno no qual,

José Miguel Carrera, governante chileno de 1811 a 1814, también trató de quebrar el oscurantismo cultural impuesto por los españoles en la colonia, promoviendo la instrucción de la mujer. En un decreto del 21 de agosto de 1812 establecía la necesidad de fundar escuelas para mujeres, “quedando los conventos de las monjas obligados a suministrar una sala para escuela donde aprendieran las primeras letras las mujeres de origen modesto. La Iglesia se resistió a cumplir esta medida, pero Carrera impuso finalmente su criterio en favor de la mujer.¹⁹

Compreenda-se, no entanto, que essa filosofia ilustrada tinha uma visão diferente e não pretendia “libertar” a mulher. Pois, no entender da maioria dos grandes filósofos, o papel da mulher deveria se limitar àquele do espaço doméstico, e sua educação deveria servir também em função da futura educação dos filhos e da diminuição de influências supersticiosas.

No entanto, Simón Rodríguez, mestre de Simon Bolívar, foi um intenso apoiador da extensão da educação às mulheres, chegando a abrir escolas mistas, educando a quem quisesse ser educado, independentemente de etnia e sexo²⁰. E o autor ao escrever dá a entender que essas escolas visavam uma maior autonomia da mulher, isso ainda durante a Guerra de Independência na Bolívia, aí sim sendo um exemplo de inovação social em relação às posturas ligadas ao feminino.

Exemplos de mulheres que foram perseguidas ou morreram em nome da pátria não faltam, no entanto, é interessante observar como o governo republicano depois de instaurado, ao construir seus monumentos e símbolos nacionais, lembra de seus heróis, mas não de suas heroínas. Maria Lígia Prado ressalta inclusive que “*nossos símbolos femininos continuam a ser as Nossas Senhoras, desde a de Guadalupe (cujo estandarte, por sinal, os insurgentes carregavam à frente de seus exércitos) até a de Aparecida*²¹”.

Ao se falar sobre monumentos em homenagem às mulheres, parecem ser esses bastante raros. Encontramos apenas três menções a eles: na cidade do México, uma estátua à Josefa Dominguez e na Bolívia, à Juana Azurduy, que parece ser a mais homenageada, já que além da estátua, existem lugares com seu nome, como um aeroporto e uma província²². No Peru, apenas Micaela Bastidas (esposa de Tupac Amaru e juntamente com ele, líder numa insurreição pró-independência do país em 1781) termina por ter um monumento em sua homenagem. Ainda no Peru, seus novos governantes acabaram por recair nos mesmos padrões vigentes anteriormente, inclusive esteticamente, já que são contratados escultores italianos que em suas esculturas reproduzem o ideal androcêntrico e eurocêntrico de importância e beleza²³.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste breve trabalho procuramos pôr em evidência a experiência feminina na resistência à permanência da América Latina como colônia da Espanha. Existiram sim, e foram várias as que tiveram seus nomes conhecidos e, ainda mais numerosas, as anônimas que contribuíram para que suas nações se tornassem autônomas.

É interessante a ocorrência entre alguns autores de uma idéia de que, entre essas mulheres, em sua grande maioria, apesar da existência de verdadeiras patriotas, elas não sustentavam a ambição de que ao conseguirem seu intento haveria mudanças em sua condição social. Afinal eram ensinadas que seu fim máximo era o de serem boas mães e esposas, e são seres inseridos em seu próprio tempo, havendo poucas “rebeldes”, que questionassem aquela limitação e tentassem subvertê-la.

Como a sociedade colonial demorou mais alguns anos para definhar, as rupturas socioeconômicas foram ocorrendo de forma muito lenta e progressiva. Apesar das experiências de guerra terem balançado as estruturas da sociedade, não tiveram tamanha força de unir as mulheres sob uma bandeira²⁴. De modo geral o hábito das próprias mulheres de se verem como um grupo que tem voz, só ganhará força em fins do século XIX, mediante tomadas de consciência ocasionadas dentre outros motivos, pela industrialização implantada de cima para baixo pelas nações européias e estadunidense, ajudando a aflorar um feminismo contestador, e que também trouxeram em sua bagagem ideologias socialistas e anarquistas, que pregavam mudanças necessárias àquela sociedade.

Por fim, pretendamos ressaltar que o que se deseja não é que se passe a escrever uma história que compense todo esse tempo em que as mulheres não apareciam nos registros, ou que se passe a escrever uma história segmentada, como se fez com operários e outros setores da sociedade. Sim, a história total é uma utopia, mas com objetivos e metodologias bem definidos pode-se tentar chegar a uma ciência menos excludente. Pois a sociedade é formada de um todo, que quando se fragmenta perde parte de seu sentido. Deseja-se, portanto, que se passe a escrever uma “História com Mulheres”, na qual a relação entre os gêneros seja abordada de forma cada vez mais amadurecida e diversificada, contribuindo assim, para um engrandecimento da ciência histórica e da sociedade.

NOTAS

¹ A Nova História é umas das vertentes historiográficas herdeiras do movimento conhecido como Escola dos Annales, a qual, buscando inspiração nas ciências sociais, procurou aumentar a gama de abordagens historiográficas, provocando uma busca por novos objetos e metodologias de pesquisa, resultando em uma grande reavaliação de conceitos e idéias com relação à História Tradicional.

² LAVRIN, Asuncion (Org.), *Las Mujeres Latinoamericanas - Perspectivas Históricas*, México, Tierra Firme & Fondo de Cultura Económica, 1985, p. 09.

³ “Todo lo que es ocupa algún espacio.” Em Platón. Diálogos. Time o de la naturaleza. México: Editorial Porrúa, 1969, p. 688.

⁴ GUARDIA, Sara Beatriz, *Las mujeres y la recuperación de la historia*. Em CEMHAL [Centro de Estudios La Mujer en La Historia de América Latina]. <http://webserver.rcp.net.pe/cemhal/>

⁵ “El papel más adecuado de la mujer iberoamericana de la época colonial era el de esposa y madre. Las jóvenes eram encaminhadas hacia el matrimonio desde su niñez por diversas razones.” CHERPAK, Evelyn, *El Movimiento de Independencia de la Gran Colombia*, In: LAVRIN, Asuncion (Org.), *Las Mujeres Latinoamericanas - Perspectivas Históricas*, México, Fondo de Cultura Económica, 1985, p. 253.

⁶ Jovita Feitosa pretendia ir à Guerra do Paraguai, e para isso se disfarçou de soldado, mas ao ser descoberta no Piauí obteve autorização para ir ao Rio de Janeiro, onde teve sua permissão de ir à guerra como soldado revogada e, não aceitando ir como enfermeira, resolveu instalar-se no Rio, onde fruto de uma desilusão amorosa se matou cerca de 2 anos depois, aos 19 anos.

⁷ Um melhor estudo entre a relação de Maria Quitéria e a Independência do Brasil e ainda sobre as guerras de independência na América Latina é feito em PRADO, María Ligia. "Em Busca da Participação das Mulheres nas Lutas pela Independência Política da América Latina". Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 12, 1991.

⁸ LAVRIN, Asuncion (Org.), *Las Mujeres Latinoamericanas - Perspectivas Históricas*, México, Tierra Firme & Fondo de Cultura Económica, 1985, p. 10.

⁹ Por vezes eram “doações forçadas”, já que eram exigidos mantimentos, escravos ou dinheiro, por parte dos comandantes locais para a manutenção da causa da independência. Fator esse que foi motivo de vários processos de indenização movidos contra as repúblicas recém-instauradas, que por já terem nascido falidas tinham pouca condição de lhes reaver os bens perdidos.

¹⁰ CHERPAK, Evelyn, *El Movimiento de Independencia de la Gran Colombia*, In: LAVRIN, Asuncion (Org.), *Las Mujeres Latinoamericanas - Perspectivas Históricas*, México, Fondo de Cultura Económica, 1985, p. 254.

-
- ¹¹ Apud LEONARDINI, Nanda, *Presencia e Imagen Femenina en la Escultura Italiana en el Peru del Siglo XIX*, Disponível em CEMHAL [Centro de Estudios La Mujer en La Historia de América Latina]. <http://webserver.rcp.net.pe/cemhal/>
- ¹² PRADO, Maria Ligia. "Em Busca da Participação das Mulheres nas Lutas pela Independência Política da América Latina". *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 12, 1991, p. 84.
- ¹³ ESPINOSA, José Maria, apud LLANO, Afonso Valencia, *Mujeres Caucanas y Sociedad Republicana*, Colômbia, Anzuelo Ético Ediciones, 2001, p. 42.
- ¹⁴ CHERPAK, Evelyn, *El Movimiento de Independencia de la Gran Colombia*, In: LAVRIN, Asuncion (Org.), *Las Mujeres Latinoamericanas - Perspectivas Históricas*, México, Fondo de Cultura Económica, 1985, p. 258.
- ¹⁵ PRADO, Maria Ligia. "Em Busca da Participação das Mulheres nas Lutas pela Independência Política da América Latina". *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 12, 1991, p. 86.
- ¹⁶ VITALE, Luis, *La Participacion de la Mujer en la Revolucion Colonial*, In: *La Mitad Invisible de la Historia*, http://mazingher.sisib.uchile.cl/repositorio/lb/filosofia_y_humanidades/vitale/
- ¹⁷ Idem.
- ¹⁸ LLANO, Afonso Valencia, *Mujeres Caucanas y Sociedad Republicana*, Colômbia, Anzuelo Ético Ediciones, 2001, p. 34.
- ¹⁹ Ibid.
- ²⁰ Ibid.
- ²¹ PRADO, María Ligia. "Em Busca da Participação das Mulheres nas Lutas pela Independência Política da América Latina". *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 12, 1991, p. 89.
- ²² Idem.
- ²³ LEONARDINI, Nanda, *Presencia e Imagen Femenina en la Escultura Italiana en el Peru del Siglo XIX*, Disponível em CEMHAL [Centro de Estudios La Mujer en La Historia de América Latina]. <http://webserver.rcp.net.pe/cemhal/>
- ²⁴ "La idea de aceptar que las mujeres fueran iguales a los hombres em el campo de la política hubiera sido tan extraña y tan absurda em aquella época tanto para las mujeres como para los hombres. (...) Aun cuando estuvieran conscientes de los nuevos derechos políticos que los hombres estaban reuniendo, ¿qué podría hacer un puñado de mujeres para influir em los políticos?" CHERPAK, Evelyn, *El Movimiento de Independencia de la Gran Colombia*, In: LAVRIN, Asuncion (Org.), *Las Mujeres Latinoamericanas - Perspectivas Históricas*, México, Fondo de Cultura Económica, 1985, p. 268.